



Na Mídia

08/03/2021 | [Valor Econômico](#)

Grandes negócios redefinem forças na educação básica

Transações acentuam busca por escala dos grandes grupos do setor

Luciana Marinelli | Beth Koike | Manuela Tecchio



A compra dos sistemas de ensino COC e Dom Bosco por R\$ 920 milhões, no sábado, pela Arco Educação, e a troca de ativos entre as holdings Eleva e Cogna, que envolveu R\$ 1,6 bilhão há menos de quinze dias, dão novos contornos à disputa de grandes grupos pelo mercado de educação básica. Os movimentos acentuam a busca por escala em

dois segmentos distintos: sistemas de ensino, que fornecem conteúdo, serviços e orientação pedagógica a escolas, e a operação própria de colégios.

De um lado, a Arco Educação e a Vasta - controlada pela Cogna, maior grupo de ensino privado do país -, se consolidam na dianteira do mercado de sistemas de ensino. A holding Eleva, por sua vez, sai do segmento, para se concentrar na operação de escolas, negócio no qual a Cogna deixa de operar diretamente. Todos concorrem com o Grupo SEB, maior em número de escolas, e que também tem sistemas de ensino.

“Essas grandes operações estão mudando as peças no xadrez da educação básica”, diz Eduardo Tesche, sócio da EY-Parthenon Strategy e líder do setor de educação da consultoria para a América do Sul. Além dos dois últimos movimentos, ele cita a aquisição da Positivo Educação pela Arco, em maio de 2019, que a fez dar um salto em sistemas de ensino, e a aquisição do controle global da rede de escolas Maple Bear pelo grupo SEB, apostando na educação bilíngue, outra frente de crescimento do setor.

Do infantil ao médio

Grandes negócios em educação básica, envolvendo sistemas de ensino e escolas



O mercado de educação básica, compreendido, de maneira abrangente, como a prestação de serviços da educação infantil ao ensino médio, virou “queridinho” dos investidores, após a redução do alcance do Fies, programa de financiamento estudantil do governo federal para o ensino superior, nos últimos anos.

Desde sua abertura de capital na Nasdaq, em 2018, a Arco se valorizou 92,57%. Na sexta-feira, fechou o pregão com valor de mercado de US\$ 1,94 bilhão. A concorrente Vasta, também negociada na Nasdaq, vale US\$ 1,13 bilhão.

Sua controladora Cogna (ex-Kroton), que tornou-se uma gigante do ensino privado no Brasil primeiro com a consolidação do segmento de educação superior, tem valor de mercado de R\$ 7,6 bilhões (US\$ 1,3 bilhão), segundo a cotação de suas ações na sexta-feira na B3.

No caso da Arco, quando foi listada na Nasdaq, a companhia era apresentada aos investidores internacionais como uma empresa de tecnologia da educação - um trunfo e tanto em tempos de escolas fisicamente fechadas.

A pandemia também tornou mais aquecido o mercado de fusões e aquisições em educação, ao colocar pressão em algumas redes de ensino por um lado, e abrir oportunidades para consolidação daqueles grupos que já eram mais avançados no ensino a distância, diz José Diaz, sócio de fusões e aquisições do escritório Demarest Advogados. Segundo ele, a “tremenda pulverização” do segmento de ensino básico tem puxado o crescimento dos negócios.

Além de futuras transações envolvendo concorrentes menores, o mercado tem expectativa de que a Eleva - que ao comprar os 51 colégios da Cogna passou a ter 175 escolas no país - e o grupo SEB abram o capital.

A negociação entre Eleva e Cogna depende do aval do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), assim como a aquisição que a Arco fechou no sábado com a Pearson, líder global no setor de educação, que era dona dos sistemas COC e Dom Bosco.

A compra do ativo era estratégica para a Arco defender sua posição de liderança em sistemas de ensino. A companhia desbancou a oferta da Vasta, que também estava na disputa pela aquisição.

“Comprar sistemas de ensino é uma forma de crescer rápido. Em uma tacada, a empresa adquire vários alunos”, diz um executivo de banco próximo à operação.

Com a aquisição da base da Pearson, a Arco Educação sobe de 1,7 milhão para cerca 1,9 milhão de alunos atendidos. No acordo com a Eleva, a Vasta ficou com o sistema de ensino da holding carioca e aumentou sua base de alunos para 1,5 milhão. Se levasse os sistemas COC e Dom Bosco da Pearson, colava na Arco.

“A aquisição dos sistemas de aprendizagem COC e Dom Bosco reforça nossa estratégia de fortalecer ainda mais nosso posicionamento em soluções core para a educação básica no Brasil. Traz complementaridade geográfica e de preço ao nosso portfólio, permitindo que nossa plataforma entregue ainda mais valor para os diversos perfis de escola do país”, afirmou Ari de Sá Neto, CEO e fundador da Arco, em nota.

O valor da transação, de R\$ 920 milhões, representa um múltiplo de 14,4 vezes o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) de 2020 do negócio adquirido. O pagamento será feito em dinheiro.

Aquisições fazem parte da estratégia de crescimento da empresa de Ari de Sá Neto. A mais emblemática, antes dessa, foi a compra da Positivo, por R\$ 1,6 bilhão. Em agosto de 2020, a companhia comprou o controle da escola Inteligência, do escritor Augusto Cury, por R\$ 288 milhões - ampliando seus serviços de aprendizagem sócio-emocional, outra tendência de crescimento do setor.

A britânica Pearson agora deve intensificar seus esforços na educação corporativa e apostar em modelos de “self-service” de aprendizagem, também com cursos em ensino a distância, disse uma fonte. Em 2020, com o lançamento da Pearson Next, começou a oferecer cursos personalizados de curta duração para profissionais. Já em 2021, o surgimento do Pearson Pro veio atender às demandas de empresas que querem oferecer novas oportunidades de formação para seus funcionários.

Mas a companhia não vai abandonar os investimentos em educação básica no Brasil, contemplado por outro braço da empresa, a Name, ou o público adolescente e jovem adulto, que continua cliente dos serviços da Pearson Global School. Este último ramo da empresa é responsável pela operação das marcas Wizard, Yázigi e Skill no país. (Colaborou Maria Luíza Filgueiras)

